

EUA perdem status de 'democracia liberal' pela primeira vez em 50 anos

Qualidade democrática brasileira supera americana em movimento inédito na história

Daniel Torok/ Casa Branca



Instituto sueco, referência na pesquisa sobre o tema, alerta para declínio acentuado sob Trump

Pela primeira vez em 50 anos, os Estados Unidos perderam o status de “democracia liberal” —o modelo mais evoluído dessa forma de governo— e passaram a ser considerados uma “democracia eleitoral” pelo V-Dem, instituto ligado à Universidade de Gotemburgo, na Suécia, que anualmente mede a qualidade das democracias globais.

No relatório referente ao ano de 2025, o instituto, um dos mais renomados do mundo no acompanhamento do tema, alerta para o rápido declínio da democracia americana sob Donald Trump.

Pela primeira vez na história, o Brasil superou os Estados Unidos no índice da “democracia liberal”, que mede a qualidade democrática no contexto de aspectos eleitorais, como a existência de eleições livres, justas e competitivas, e de aspectos liberais, como a independência entre os poderes e o respeito às liberdades civis.

O V-Dem, traduzido como Variedades da Democracia, conta com mais de 4.000 especialistas em todo o mundo para produzir sua base de dados e monitorar a evolução da democracia em cada país, considerando uma série de índices. Esses especialistas são geralmente acadêmicos ou profissionais com conhecimento especializado sobre o tema.

A partir desta análise, o instituto classifica os países em quatro categorias, do menos ao mais democrático: “autocracia fechada”, “autocracia eleitoral”, “democracia eleitoral” e “democracia liberal”.

No mais recente relatório, Brasil e EUA dividem o status de “democracia eleitoral” —as eleições são livres e justas, o voto é universal, há liberdade de expressão e associação. Por outro lado, alguns aspectos das de-

mocracias liberais —como o sistema de pesos e contrapesos e a submissão igualitária dos cidadãos às leis— não são plenamente respeitados.

O índice da “democracia liberal” nos EUA caiu de 0,75, em 2024, para 0,57 em 2025. Quanto mais perto de um, maior o nível da democracia. O índice da Dinamarca, primeiro país do ranking, é de 0,88. O do Brasil, 0,7.

Com a nova medida, os EUA voltam ao patamar do início dos anos 1960, época do movimento pelos direitos civis, que visava abolir a discriminação e a segregação racial institucionalizadas no país.

O relatório dedica um capítulo inteiro para destrinchar a deterioração da democracia americana sob Trump. O instituto afirma que seu novo mandato apresenta “concentração rápida e agressiva de poderes”

na Presidência, e que “a velocidade com que a democracia americana está sendo desmantelada não tem precedentes na história moderna”.

“O atual governo dos EUA vem enfraquecendo os freios e contrapesos institucionais, politizando o serviço público e os órgãos de fiscalização e intimidando o Poder Judiciário, além de atacar a imprensa, a academia, as liberdades civis e as vozes dissidentes”, diz o professor Staffan Lindberg, diretor do V-Dem, em nota publicada no site do instituto.

Lindberg também afirma que as eleições de meio de mandato, a ocorrer em novembro, serão um teste decisivo para a democracia americana. “Se os indicadores eleitorais também piorarem, os EUA cairão ainda mais”, diz.

As primeiras eleições após um

episódio de autocratização costumam ser um fator decisivo para a recuperação da democracia. O instituto lembra que o Brasil reverteu seu mais recente processo de autocratização com a derrota do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) para o presidente Lula (PT) em 2022.

“A autocratização do Brasil teve início com o impeachment da presidente Dilma Rousseff e se acelerou após a eleição do populista de direita Jair Bolsonaro em 2018. Seguiram-se ataques à mídia, tentativas de minar as eleições, o Legislativo e o Judiciário”, afirma o recente relatório.

“A reviravolta ocorreu quando Luiz Inácio ‘Lula’ da Silva, apoiado por uma coalizão de nove partidos, venceu as eleições de 2022.”

O V-Dem lembra, por outro lado, que a sociedade brasileira “continua profundamente polarizada”, e

alerta que as eleições de 2026 serão decisivas. “Bolsonaro, porém, está impedido de exercer o cargo após ter sido condenado por abuso de poder e tentativa de golpe de Estado.”

Em um aspecto global, o instituto afirma que o nível da democracia é comparável ao de 1978, e que todos os ganhos com a terceira onda de democratização, que começou em Portugal, em 1974, estão quase perdidos.

A comparação com os índices da democracia há 20 anos revela o impacto da terceira onda de autocratização que avança sobre o mundo.

Em 2005, 27 países estavam se democratizando —hoje, são 18. Naquele ano, 12 países estavam em processo de autocratização, em comparação a 44 em 2025. A qualidade das eleições melhorava em 31 países, enquanto hoje melhora apenas em sete.

O maior impacto foi em relação à liberdade de expressão. Em 2000, 52 países evoluíam neste quesito. Em 2025, 44 estão em declínio.

No novo relatório, o V-Dem também passou a identificar dez novos países em processo de autocratização —entre eles, além dos EUA, estão a Itália, o Reino Unido, a Croácia, a Eslováquia e a Eslovênia.

Segundo o instituto, há três padrões envolvidos nesta onda de autocratização. Um deles diz respeito ao declínio democrático em democracias tradicionalmente estáveis. Outro é observado em reversões significativas e, muitas vezes, no colapso da democracia em países que se democratizaram no final do século 20 e no início do século 21. Um terceiro acontece com o aprofundamento da autocracia em Estados já autocráticos.

Por Ana Luiza Albuquerque (Folhapress)

Política de Trump é boa para os negócios, diz presidente da Saab

“Claro que é bom para os negócios”, diz, com a relutância que a moderação nórdica lhe impõe, o sueco Micael Johansson. O presidente da Saab, maior grupo de defesa de seu país, definiu assim a volta de Donald Trump ao centro do poder mundial.

Em conversa com a reportagem na quarta-feira (26), após o lançamento da versão produzida na fábrica da Embraer em Gavião Peixoto (SP) de seu mais famoso produto, o caça Gripen, que é operado pelo Brasil, Johansson avaliou o impacto da nova realidade geopolítica na indústria de defesa europeia.

“Acho que ele está certo”, diz, sobre o republicano ter enfatizado a necessidade de a Europa se proteger

sozinha. “É claro que isso é em combinação com a guerra na Ucrânia e com os EUA priorizando mais o Oriente Médio e o Pacífico. Precisamos investir em mais capacidade”, afirma.

“Por que devemos gastar 70% dos acordos de defesa na Europa com os EUA ou com a Coreia do Sul quando temos indústrias fortes? É um pouco estranho. Nós devemos parar de falar sobre esse setor como algo ruim à sociedade. É claro que seria ótimo que não tivéssemos nenhum conflito, mas você tem de ter dissuasão”, afirma.

Desde que retornou à Casa Branca em 2025, Trump passou a fatura da ajuda a Kiev contra a invasão russa para os aliados europeus na Otan e levou a aliança a elevar sua

meta de gasto com defesa para 5% do PIB em dez anos, sendo 3,5% desse total na parte militar e 1,5% na infraestrutura correlata.

Com a guerra contra o Irã, iniciada ao lado de Israel há um mês, a relação azedou ainda mais. Trump passou a chamar os europeus de covardes, ainda que não os tenha consultado sobre o ataque, porque queria que eles ajudassem a desobstruir o estreito de Hormuz.

Ao mesmo tempo, abriu oportunidades inclusive para a Saab, que em 2024, ano do dado mais recente, era a 28ª maior empresa de defesa do mundo em receita no ranking do Instituto Internacional de Pesquisa da Paz de Estocolmo. Isso pode mudar: de lá para cá, a fabricante viu seu valor

de mercado crescer em quase 120%.

“Há requerimentos do Oriente Médio sobre nossos sensores, para ser capaz de criar uma consciência situacional num ambiente muito contestado com mísseis e drones. A demanda aumentou de repente”, afirmou, sem citar nomes de clientes.

Johansson rejeita a ideia de que esse foco relegou a Ucrânia a segundo plano. “Acho que é mais uma mudança em termos de cobertura de mídia”, afirmou. Os governos europeus, diz, seguem empenhados no apoio a Volodimir Zelenski.

A Saab ganhou destaque no fim do ano passado quando a Suécia assinou com a Ucrânia um acordo para a produção potencial de até 150 caças Gripen para Kiev. Por

evidente, esse número é inatingível no curto prazo e com as capacidades industriais do país, para não falar em quem vai pagar a conta.

Mas é uma janela que se abre, e pode até favorecer o Brasil. “Ainda é cedo para dizer”, diz Johansson, “mas aqui [Gavião Peixoto] não é só para atender o contrato brasileiro, é para exportação”.

O primeiro cliente externo além da Força Aérea Brasileira que a unidade paulista deverá atender é a Colômbia, até pela questão geográfica. Bogotá assinou um pedido para 15 caças monopostos Gripen E, como o feito na Embraer, e 2 do tipo F, para dois pilotos.

Por Igor Gielow (Folhapress)